

CRIANÇAS E INFÂNCIAS EM TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS NA AMAZÔNIA PARAENSE

CHILDREN AND CHILDHOOD IN QUILOMBO TERRITORIES IN THE PARAENSE AMAZON

Eliana Campos Pojo Toutonge¹
Lucirlândia Oliveira Santos Tembê²
Naire Gomes de Sousa³

Resumo: O estudo busca dar visibilidade as vozes, as brincadeiras, a imaginação, a circularidade, as produções infantis de dois grupos de crianças quilombolas que vivem na Amazônia paraense. Para esse fim o estudo apoiou-se em recursos etnográficos dirigidos a focar a prática social das crianças, em que a mediação cultura-natureza sedimentam os processos educativos e de resistências. Assim, interagindo com as crianças, adentramos em seus universos e vimos o quanto tais comunidades, Itamoari e Bairro Alto, também são territórios crianceiros revelador de culturas da infância quilombola por ritmos, movências e fazeres próprios. Ainda, foi possível perceber que as crianças desses contextos possuem concretamente uma conexão com a natureza que abarca os espaços da terra, das águas, da floresta, ou seja, há ricos aprendizados de conteúdos culturais existentes no lugar por meio de seus brincar e de outras experiências e, ao mesmo tempo, seus valores do conviver, suas tradições, costumes e ancestralidades amazônicas convertem-se em processos educativos no ordinário da vida pela dimensão central, de ser sujeito-criança, remanescente de quilombos.

Palavras-chave: Crianças. Infâncias. Territórios Quilombolas.

NOTAS INTRODUTÓRIAS

O presente estudo, tecido, desenhado, experienciado pelas autoras, pretende, fazer emergir, trazer à tona as vozes, as brincadeiras, o cotidiano, os saberes, a imaginação, a circularidade, algumas das práticas de dois grupos de crianças em

¹ Doutora em Ciências Sociais (UNICAMP); Professora da Faculdade de Educação e Ciências Sociais pela Universidade Federal do Pará, Campus de Abaetetuba; Coordenadora do Grupo de Pesquisa e Extensão *De Bubúia* Amazônica.  <https://orcid.org/0000-0002-7466-3996>. E-mail: elianapojo@ufpa.br. CV: <http://lattes.cnpq.br/1223748500489517>.

² Estudante de Graduação, curso de Pedagogia, UFPA, Campus de Bragança. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infâncias, Educação e Cultura na Amazônia Paraense (NEPIECAP) e representante do coletivo denominado Associação dos Discentes Quilombola (ADQ).  <https://orcid.org/0000-0002-0523-6341>. E-mail: lucirlandia.carmo@gmail.com CV: <http://lattes.cnpq.br/6936246632623424>.

³ Pedagoga. Mestrado em Linguagens e Saberes na Amazônia pela Universidade Federal do Pará, UFPA. Atualmente, docente da Secretaria de Educação de Bragança, atuando como Coordenadora da Educação Infantil, SEMED.  <https://orcid.org/0000-0003-2488-9097>. E-mail: nairegomes@yahoo.com.br CV: <http://lattes.cnpq.br/7588907457750002>.

territórios quilombolas do estado do Pará. Um deles chamado Quilombo do Itamoari e o outro de Quilombo do Bairro Alto.

O objetivo principal do estudo foi o de dar visibilidade às vozes das crianças, a partir das brincadeiras, interações, fazeres e convívios, contribuindo, assim, para que as diferentes infâncias que habitam esse complexo território da Amazônia paraense saiam do *status* da invisibilidade social. Quiçá, contribuir com outros estudos e pesquisas com crianças, que busquem conhecer os processos identitários das crianças quilombolas, na tentativa de que elas sejam reconhecidas como sujeitos de direitos⁴.

Visando alcançar estes propósitos, realizamos um estudo de base etnográfica, o que favoreceu um contato mais próximo com as crianças que fizeram parte da pesquisa de campo. Como instrumentos para a coleta das informações que foram transformadas em texto, utilizamos a observação participante; nos contextos investigados, foram feitos registros fotográficos dos fazeres cotidianos das crianças e realizadas rodas de conversa para a escuta das mesmas e de duas das autoras deste texto, que também são quilombolas. Participaram da pesquisa 23 crianças entre cinco e onze anos de idade, sendo 08 meninos e 15 meninas.

As crianças foram consideradas como “crianças atuantes”⁵ (COHN, 2005) e a partir desse viés assumiram, no estudo, a identidade de coautoras. Assim, o estudo se refere às meninas, aos meninos, às crianças que habitam as terras, convivem com as matas, as águas, os quintais dos quilombos do Itamoari e do Bairro Alto. Territórios que se constituíram como *lôcus*, cenário da pesquisa de campo, da trama que nos envolveu e na qual assumimos a responsabilidade de garantir às crianças o direito de dizer a sua palavra, a partir do seu ponto de vista. Procurando evidenciar o seu protagonismo como crianças e como quilombolas, buscamos unir as nossas vozes de adultas e de pesquisadoras das infâncias a outras tantas vozes que, em suas pesquisas, estudos, dedicam-se a trazer as narrativas das crianças, as experiências, os saberes, os fazeres, evidenciando-as como sujeitos aprendizes em socialização no mundo amazônico paraense.

Quando nos referirmos ao *lôcus* da pesquisa de campo, estamos compreendendo a noção de lugar, pensada nos espaços quilombolas que são transformados pelas crianças que fizeram parte do estudo. Lugar das brincadeiras, repletos de significados,

⁴ A Constituição Federal Brasileira de 1988 reconhece a criança como um sujeito de direitos, reconhecendo assim a necessidade de proteção à infância e de direitos, tais como: o direito a creches e pré-escolas, à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária sem negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade ou opressão. Direitos ratificados no ECA, no seu Art. 100 (Estatuto da Criança e do Adolescente – Lei 8069/1990).

⁵ O conceito de criança atuante é apresentado por Clarice Cohn, em sua obra *Antropologia da criança* (2005). Para a autora, a criança atuante é vista como aquela que tem uma conduta ativa nas relações sociais que experencia com outras crianças e com os adultos que fazem parte do seu ciclo de convivência, produzindo saberes que constituem as culturas infantis. Afasta-se, assim, da ideia de uma criança que apenas reproduz ou incorpora condutas sociais impostas pela cultura adulta, pela sociedade em que vive.

de sentidos, de afeto pelo quilombo, de vivências, de trocas, de descobertas, da construção dos saberes que constituem as culturas da infância quilombola.

A importância do estudo dá-se, sobretudo, pela necessidade de compreender as diferentes infâncias do campo, da praia, da floresta, da cidade, dos rios, dos assentamentos, em especial, as dos quilombos localizados no nordeste paraense e, para além disso, evidenciar processos infantis produzidos nesses singulares territórios, desejando também dar visibilidade às vozes das crianças encharcadas de vida vivida. Enfim, exercitar o nosso “fazer pesquisas com as crianças” procurando nos (des) construir como pesquisadoras adultas e, acima de tudo, aprimorar a escuta das crianças como sujeitos de direitos e aprendendo com elas a respeito do estar no mundo.

SOBRE O PROCESSO DA PESQUISA

Nosso contato com as crianças nos quilombos ocorreu de duas maneiras: por intermédio das narrativas, das vivências, das experiências relatadas por duas das autoras-pesquisadoras que vivem nesses territórios e lá viveram suas infâncias, mais a própria investigação construída junto das crianças.

Em campo com as crianças quilombolas apresentamos nossas intenções de conhecer o quilombo do Itamoari e do Bairro Alto, escutando-as e dialogando a respeito das brincadeiras, dos brinquedos, das suas interações e das formas de convivência que estão no cotidiano de suas vidas, que produzem e exploram. Explicamos ainda, sobre a relevância de suas participações e a forma como poderiam ser nomeadas no texto que apresentaríamos como resultado do estudo, no qual suas vozes de crianças quilombolas seriam apresentadas ao mundo.

Também, para melhor adensamento das informações reunidas junto às crianças, realizamos a escuta das duas autoras-pesquisadoras, que trouxeram para a pesquisa as memórias de suas infâncias, por meio das lembranças das brincadeiras e de sua construção social acerca do que seja ser criança nesses territórios. Esse encaminhamento da pesquisa nos permitiu realizar um exercício importante de (des) construção do adultocentrismo ainda tão presente nas pesquisas com crianças, pois esse tipo de abordagem que tem o adulto como o centro corrobora para um fazer investigativo distorcido, sem o devido respeito às crianças como atuantes. Em síntese, ainda encontramos muitos processos investigativos na contramão das questões éticas e metodológicas apropriadas à pesquisa com crianças como sujeitos (FRIEDMANN, 2020; KRAMER, 2002).

Tendo como perspectiva essa (des)construção e o contato no campo com as crianças, mergulhadas em seus fazeres, voltamos também as nossas lembranças da infância, como sujeitos-quilombolas ou não. Nesse contexto, importa pensar nas memórias da infância que as pesquisadoras-quilombolas trouxeram e o que essas memórias dizem sobre pesquisa com as crianças. Desse modo, podemos compreender

que realizar pesquisa com crianças requer um mergulho na memória da infância, juntamente com a busca pela criança que fomos um dia, aprimorando nesse percurso a sensibilidade do olhar e do escutar as crianças. Segundo Friedmann (2020), “[...] quando provooco meus interlocutores a escutarem e observarem as crianças, acredito que isso só é possível se escutarmos, observarmos e resgatarmos, antes, a criança que fomos um dia, a criança dentro de nós” (FRIEDMANN, 2020, p. 26).

Na tentativa de exercitar o olhar e a escuta junto de meninos e meninas permeado pelo viver infantil, mergulhamos e lançamos mão da memória das pesquisadoras-quilombolas como um importante recurso para exercitar o fazer pesquisas com as crianças.

Autora do Quilombo do Bairro Alto – Eu consigo te dizer todas as brincadeiras que fazíamos: a do telefone sem fio com latas; a do taco; a de bandeirinha; a de mãe quando tomávamos banho no rio, de bola, brincávamos muito de bola. Estávamos sempre brincando, inventando alguma coisa, correr na beira de um buraco, a gente inventava nossas brincadeiras (Trecho da roda de conversa *on-line*, 15/11/2021).

Autora do Quilombo do Itamoari – O que mais eu lembro da minha infância são as brincadeiras no igarapé a gente brincava de pira-esconde. À noite a gente brincava de corrida do saco; rabo de camaleão; as brincadeiras com os piões que os meninos faziam, isso eu lembro bem (Trecho da roda de conversa *on-line*, 15/11/2021).

Assim, dando conta da nossa primeira indagação, foi possível perceber um quilombo que ora se aproximava, ora se distanciava do quilombo brincante apresentado pelas crianças que participaram do estudo, mas ainda assim, por vezes, o quilombo das autoras-pesquisadoras esteve embebido de suas memórias da infância. O que, de algum modo, nos aproximava do lugar das brincadeiras, dos modos outros de viver a infância nesses territórios.

Acreditamos que ao exercitarmos nossa própria escuta enquanto sujeitos-pesquisadoras-adultas, revisitando as memórias da infância, nos aproximamos das crianças com outro olhar e outra maneira de escutar suas vozes. Desejando entrar no seu contexto, aprendendo com elas e a partir delas, procurando conhecer seus mundos que se enlaçam no mundo dos adultos, também. Assim compartilhamos do pensamento de que

[...] a criança e a infância que lhe é própria são também o enigma que nos desafia, desafia nosso conhecimento e nos coloca diante da circunstância de ter que admitir que não sabemos tudo, não detemos todo o conhecimento disponível sobre a realidade e as coisas (GUSMÃO, 2012, p. 175).

Na busca de dar visibilidade às vozes das crianças para falarmos das infâncias, das brincadeiras e demais formas interativas que representam os quilombos brincantes do Itamoari e do Bairro Alto, adentramos no universo delas, sempre cheio de possibilidades, de alegria e de histórias.

Por vezes, as crianças carregam marcas do trabalho infantil e de ausências com esse tempo da infância, embora não toquemos nesse âmbito aqui. Esperamos que nossas(os) leitoras(res) possam sentir, de algum modo, a potência que vem da relação entre as crianças e a mata, entre as crianças e a terra, entre as crianças e o igarapé ou o rio, entre as crianças e o campo verde. Cenários em que as crianças (re)constróem suas relações com o mundo, com o Outro⁶ e produzem um tipo de cultura das infâncias quilombolas.

ALGUNS CONCEITOS PARA PENSAR A INFÂNCIA QUILOMBOLA

As crianças são sujeitos sociais que estão ávidos a nos dizer, a partir de suas diferentes linguagens e jeitos, sobre o que, onde e como vivem, sobre suas visões de mundo do qual são parte. Outrossim, elas têm especificidades que precisam ser respeitadas, consideradas. Experimentam o mundo e se apropriam dele a partir das suas práticas cotidianas, desenvolvendo maneiras diferentes de dialogar com esse universo de coisas, de um jeito singular e próprio. No caso das crianças desses territórios, próximo das que vivem no campo, de um modo geral, “[...] possuem seus próprios encantos, modos de ser, de brincar e de se relacionar. [...] têm rotinas, experiências estéticas e éticas, ambientais, políticas, sensoriais, afetivas e sociais próprias” (BRASIL, 2010, p. 01). Em suma, elas vivem e experimentam-se no lugar, produzem, portanto, saberes e seus próprios mundos infantis. Elas, escorregando do mundo dos adultos vão vagarosamente definindo suas sociabilidades entre os seus iguais; através dos brinquedos, das brincadeiras, dos jogos, imitações, peraltices, indisciplinas e por algumas horas obediência; com seus pares que, na maioria das vezes, os entendem melhor, a realidade que vivem. Há tantas outras características a serem ditas.

Essa confluência entre a cultura do contexto de convívio e a cultura da infância impõe às pesquisadoras e pesquisadores, aos pais e mães, aos professores e professoras, aos curiosos e curiosas das infâncias a necessidade de compreendermos que estamos falando de uma multiplicidade de infâncias e de crianças. Nos distanciando, assim, do risco da visão ou da ideia de que existe um conceito padronizado de uma única infância, baseada em uma ideia universal, urbana e euroamericana de infância. Ou seja, “[...] ainda acontece de as crianças serem vistas, pelos adultos e, também, pelos educadores, como iguais, homogêneas, tendo os mesmos interesses e necessidades, típicas desta ou daquela idade [...]” (GUSMÃO, 2012, p. 168).

⁶ O termo, o *Outro*, destacado ao longo do texto, sinaliza as relações entre pares, ou seja, relações entre crianças e as relações adultos-crianças, a partir das quais as crianças constroem as culturas da infância, um modo de ser, de estar no mundo. O termo também nos remete a questão da Alteridade presente na infância e apontada por Sarmento (2005) como um elemento importante para uma análise no qual as crianças são vistas como atores sociais, produtoras de cultura, e a infância como uma categoria geracional própria. Logo, a criança é vista como os “múltiplos-outros” em relação aos adultos, uma vez que as crianças não são iguais em todo o mundo e nem vivem uma única infância. Tanto o conceito de criança (s), quanto a da infância(s) são atravessados por questões históricas, sociais e culturais. Compreender as ações das crianças no mundo é uma porta de entrada importante para se compreender a Alteridade na infância, uma vez que as crianças são competentes, atuantes, formulam interpretações da sociedade, dos outros e de si próprias, da natureza, dos pensamentos, dos sentimentos e o fazem do jeito delas, do jeito criança de ser e divergem, por isso, do jeito adulto (SARMENTO, 2005, p. 373).

Dito isso, faz-se importante trazer para o texto alguns conceitos-chave para se pensar a infância vivida no quilombo, entre eles, os conceitos de infância(s), de criança(s) e de brincadeira. Esses conceitos precisam ser pensados por nós pesquisadoras e pesquisadores das infâncias, se quisermos realmente dar visibilidade nas pesquisas que realizamos, ao protagonismo, às vozes das crianças de todos os cantos.

A exemplo, “escovar” as palavras foi um exercício cotidiano do poeta Manoel de Barros (2003), um fazer, que trouxe para sua poesia uma criança potente, capaz, singular em sua expressão criancieira, uma criança que nos conecta com as brincadeiras do chão, do ar, da água, com as coisas “desimportantes” do/no mundo. Assim, escovar as palavras pode ser uma chave importante para compreendermos o exercício de ser criança em territórios quilombolas. Ademais, sinaliza nossa intenção política e ética com as crianças que nos permitiram conhecer um pouco do seu mundo. Vamos começar a escovar as palavras? Trazendo para nossa amazonidade, vamos apanhar as palavras que estão *de bubuia*⁷ com as crianças? Essa abordagem objetiva apresentar a experiência e a subjetividade do olhar da criança (GUSMÃO, 2012).

Neusa Maria Mendes de Gusmão, uma autora que faz pesquisa em quilombos e com a população negra, assevera que “[...] as crianças, de qualquer grupo, sociedade ou cultura, sabem de si, sabem onde estão, o que faz parte de suas vidas, conhecem seu mundo, e se confrontam com os princípios de pertença e identidade que lhes são atribuídos. [...]” (GUSMÃO, 2012, p. 164). Queremos dizer com isso, que a criança, em sua visão de mundo, relaciona as suas experiências, seu cotidiano, com o que lhe é imposto, com uma cultura que faz parte da sua realidade.

Para Adriana Friedmann (2020), o conceito de infância está sempre em um processo de construção, distinguindo-se de acordo com cada realidade e grupo de crianças. Para a autora, pensar em uma definição para esse período da vida requer um olhar atento às questões geográficas, culturais e históricas que atravessam o grupo sociocultural do qual as crianças pertencem, fazendo-se necessário, para tanto, um olhar às relações, aos vínculos estabelecidos por cada criança com o Outro, com o seu entorno, com os espaços de convivência, com os objetos e outros aspectos que as diferenciam entre si.

Partindo dessas concepções, as crianças, cada uma a seu modo, a partir das diferentes culturas, das relações que estabelecem com esse Outro e com o seu entorno, ocupam esse espaço social que é a infância, que por sua vez se constitui como um conceito heterogêneo, plural. Daqui, advém a ideia tão propagada na atualidade, da negação de uma única infância e a ênfase às experiências infantis, potentes e em situações concretas. E é exatamente essa diversidade de experiências individuais, coletivas e universais pelas quais passam as diferentes crianças, que somos convocadas(os) a pensar a partir da existência de diferentes “infâncias”, “crianças” e “culturas” (FRIEDMANN, 2020, p. 34-35).

⁷ Termo amazônico, que refere-se a ficar submerso n'água, aproveitando o tempo com a vida e no espaço das águas dos rios.

Em relação ao conceito de criança, este tem ligação principal com pelo menos dois campos de saberes, um de ordem psicológica e o outro de ordem antropológica. Na pesquisa que realizamos junto e com as crianças, lançamos mão do seu sentido antropológico, ou seja, ao nos referirmos às crianças, nos referimos a um conjunto de sujeitos que ao serem reagrupados em um determinado conjunto, apresentam características específicas, que as diferencia de outros grupos de crianças e as diferencia também dos adultos que coabitam no mesmo território. Cabe destacar, ainda, as singularidades de cada grupo de crianças que vão ser determinadas a partir das experiências vividas em cada território, espaço, tempo, modos de se comportar, pensar e viver a infância em uma dada sociedade (FRIEDMANN, 2020). Aqui, trazemos os ensinamentos e saberes tradicionais que as crianças vivenciam no quilombo Bairro Alto como, por exemplo, as narrativas orais transmitidas pelos mais velhos/mestres da comunidade como as Orais⁸, elas são parte do conjunto de saberes presentes naquele cotidiano quilombola. E “Reproduzir alguns desses ensinamentos é contribuir para o fortalecimento da identidade desse coletivo” (depoimento de autora-pesquisadora, moradora do quilombo do Bairro Alto).

No que se refere às culturas da infância, o conceito que embalou nosso fazer na pesquisa partiu da ideia de que as crianças são atores sociais e produtoras de saberes próprios. Dizendo de outro jeito, as crianças experienciam, interferem e modificam a realidade na qual estão inseridas e, ao fazê-la, produzem saberes, fazeres, artimanhas, sonhos, rebeldias etc. próprios desse tempo e das múltiplas experiências que se dão em conformidade com a geografia, com o espaço, com o tempo, com a cultura de um dado território (ARENHART, 2016; FRIEDMANN, 2020).

Isto posto, podemos pensar no brincar como uma linguagem que expressa modos de pensar, sentir, ser e de estar no mundo das crianças quilombolas. Para Friedmann (2020), o brincar constitui-se como uma linguagem, uma necessidade vital para que as crianças estabeleçam relações, um meio pelo qual elas se comunicam, se expressam e produzem suas visões e olhares ao mundo. Sob esta perspectiva, o brincar de cada criança é único, próprio, assim como esse brincar por um grupo de crianças diz de um modo verbal e não verbal das culturas infantis, evidenciando suas diferenças e singularidades; sua pluralidade; sua complexidade.

Com base nessas ideias, procuramos durante o estudo compreender como as brincadeiras vividas pelas crianças, suas narrativas brincantes expressas durante as rodas de conversa, bem como, nos demais convívios, observados, durante alguns passeios pelos quilombos, aos poucos, compõem um repertório cultural, social, interativo e evidenciam um modo de viver a infância e de ser criança nesses territórios a partir dos seus fazeres cotidianos, dos saberes próprios da cultura quilombola.

⁸ Trata da uma lenda acerca dos rios do quilombo Bairro Alto, que comumente são habitados por serem encantados, sendo em delas, as Orais. Elas são mulheres bonitas de cabelos longos e bem pretinhos que suas casas ficam debaixo da terra. Nessa parte da terra há fartura de frutas, comidas gostosas e de água, e as Orais sempre oferecem tudo para a pessoa comer e, no caso, de alguém comer ou beber alguma coisa, nunca mais saía de lá! Sob a égide dessa lenda, os moradores justificam que para viver nesse quilombo é preciso obedecer os mais velhos e não ir sozinho/a para o rio, nos horários de meio dia e de seis horas da tarde. Não podem ir, principalmente, as crianças para não sejam levadas pelas Orais, pois elas habitam próximo dos rios.

Todas as questões postas até aqui, nos exigiram uma escuta, um olhar comprometido em dar visibilidade na pesquisa às vozes das crianças a partir das brincadeiras trazidas por elas.

Algumas dessas brincadeiras iam surgindo durante os passeios pelo quilombo, outras iam sendo deixadas como pistas, em suas inúmeras narrativas que se deram pelo diálogo estabelecido entre elas e as pesquisadoras durante a pesquisa. A seguir, o olhar das crianças a partir das suas próprias descobertas e das relações estabelecidas, vividas, experienciadas com o Outro nas duas comunidades.

SER CRIANÇA E VIVER A INFÂNCIA NOS QUILOMBOS DO ITAMOARI E DO BAIRRO ALTO

A fim de compreendermos o ser criança e viver a infância nas comunidades, partimos, inicialmente, de dois aspectos que nos pareciam essenciais, no momento da imersão no campo.

O primeiro, diz respeito à escuta atenta, respeitosa e afetuosa das e com as crianças. O segundo, atrelado ao primeiro, trata da necessidade de desconstruirmos o olhar adultocêntrico bastante enraizado em nós, e passarmos a valorizar as narrativas das crianças com suas artes criancieiras e seu cotidiano nos referidos quilombos. Um exercício na/da pesquisa, de educar o olhar, o ouvir e o escrever (OLIVEIRA, 1996), a fim de que nossas visões de mundo não colocassem em segundo plano as vozes e os olhares das crianças que vivem nessas comunidades.

Logo, as narrativas e as escutas das crianças nos permitiram conhecer o quilombo do Itamoari e do Bairro Alto a partir dos seus pontos de vista (COHN, 2005). E, como paraenses que somos, nosso olhar meio misturado ao das crianças esteve embalado por uma paixão pelas brincadeiras, pelos quilombos, pela ancestralidade amazônica, pela infância que cada uma experimenta, de contato com a natureza, posto serem crianças atuantes nesses territórios. Sendo perceptível em suas narrativas uma espécie de apelo para que a infância seja, de algum modo, eternizada, como em um dos dizeres da princesa Elza⁹, 9 anos: - [...] *gosto muito de ser criança, nunca quero é crescer*¹⁰.

⁹ Uma das meninas, que fizeram parte do estudo, pediu para ser chamada de “Princesa Elza”, personagem de uma das animações da Disney e que se faz presente entre as meninas do grupo. Bueno (2012), refletindo a respeito da criação da “Princesa Cinderela”, em meados de 1950, sinaliza em seus estudos as representações de feminilidade que são criadas e instituídas a partir da personagem, entre elas: beleza, bondade, gentileza, ingenuidade, dentre outras características que vão sendo apresentadas e, também modificadas pela Disney ao longo do tempo, como no caso aqui, da “Princesa Elza”, que apresenta outras características que as diferencia das demais princesas. Dentre as suas características, temos uma jovem magra, de pele branca, com cabelo loiro platinado e de olhos azuis, destacamos elegância, poderosa, reservada, protetora e outras. Apesar dos poderes mágicos, a mais velha das princesas da Disney, é comediada e sempre preocupada com os demais personagens da animação. Nesse sentido, são construções sociais adultas, destinadas as crianças e que atravessam as diferentes infâncias, entre elas a infância quilombola das meninas com as quais interagimos.

¹⁰ Acentuando as vozes das crianças, as suas expressões estão em itálico no texto.

As crianças nos apresentaram a partir das suas narrativas um lugar-quilombo com fartas possibilidades de viverem intensamente uma infância ligada à natureza e de se constituírem nessa relação como sujeitos-crianças-quilombolas, sobretudo, a partir das brincadeiras que tomam conta dos seus fazeres naquele cotidiano.

Dentro desse contexto, as crianças que vivem no quilombo do Itamoari, por exemplo, têm a possibilidade de subir em árvores, tomar banho de rio, brincar de bola, empinar pipa em fartos campos verdes ou simplesmente fazer destes gigantes tapetes verdes abraços para seus pequenos corpos. Algumas deitam-se, fecham os olhos, outras correm atrás de uma pequena bola, outras ainda andam pelos estreitos caminhos, pelos arredores das casas, com as bicicletas dos adultos, o que lhes exige força e certas habilidades para manobrar este brinquedo.

Desfrutam de um cotidiano repleto de miudezas, peraltices, invenções no vasto quintal desse espaço amazônico, normalmente, na companhia de amigos, dos irmãos, das irmãs, das primas, dos primos e, sozinhos, em algumas ocasiões. Brincam e brigam, conversam e riem, organizam-se e disputam, afinal de contas, a brincadeira vivida pelas crianças aqui não é um tempo-espaço-experiência romântico concebido a partir da ideia de uma relação “perfeição/ingenuidade”, ao contrário desse pensar, como bem observou Pereira (2019, p. 24), na brincadeira: “A criança [...] apropria-se desse brincar, não de uma forma infantilizada, em que tudo é tranquilo, doce e leve, como muitos de nós educadores acreditamos”. Novamente, o dizer da princesa Elza, que ajuda a nos aproximar mais dessa questão: - Eu gostaria de ser chamada de princesa Elza porque sou muito irritada e a Sofia fica me enjoando, eu fico brava com ela.

As crianças que fizeram parte do estudo revelam uma infância na qual experimentam uma liberdade para sentir, movimentar-se no lugar, brincar e se relacionar com o ambiente natural desfrutando dos espaços do quintal, dos caminhos, dos rios; de momentos vividos em parceria com outras crianças e dialogada, por vezes, com adultos.

Cabe esclarecer que ao longo do estudo e, partindo do ponto de vista e das experiências das crianças, a ideia de quilombo que esteve presente na pesquisa distanciou-se do lugar historicamente atravessado por questões étnico-raciais vividas na Amazônia e que tem feito parte do universo das pesquisas realizadas com adultos e por adultos, tais como: as formações dos quilombos na região da Amazônia paraense; a organização dos quilombos; a luta e a resistência dos povos que habitam a região¹¹. O que não significa dizer que essas questões não sejam importantes para compreender os processos identitários e seus contornos socioculturais dos territórios, além de sua diversidade histórica e política. No entanto, na busca de dar visibilidade ao olhar das crianças, nos detivemos aos seus atalhos e seus silêncios, seus modos de dizer e os caminhos de um quilombo que é também território ocupado e (re)construído

¹¹ Para saber, indicamos o trabalho organizado pelo professor Dr. Assunção José Pureza Amaral (UFPA), intitulado *Quilombo now: o dossiê da Blak Amazon*, 2019.

pela percepção infantil. Na “voz” das crianças: Gosto de brincar no quintal, aqui no campo, na escola, no rio, já sei subir no açazeiro... (Homem Aranha, 6 anos).

AS CRIANÇAS E AS BRINCADEIRAS PRESENTES NAS COMUNIDADES

A pesquisa nos possibilitou ampliar a noção de quilombo, com base na percepção das crianças, que nos permitiram conhecer um quilombo brincante, que é casa de muitos e/ou de poucos; que é casa de vó, mas também de irmão; que é casa de morar junto ou de morar separado; quilombo que é rio, que é árvore, que têm muitos campos de jogar bola; quilombo de quintais cheios de frutas, quilombo dos açazeiros. Quilombo que é lugar de brincar com os/as amigos/as de casinha, de carrinho, de boneca, de panelinhas de barro, de bolinhas de gude ou de tucumã; de empinar pipa; de pira-esconde, de mãe-pira-ajuda; quilombo que é lugar de ser criança que não quer crescer. Esse lugar construído pelo olhar das crianças, nos levou a pensar uma metodologia que se aproxima do viés mais lúdico, adotando-se a proposta de que as crianças escolhessem nomes fictícios para serem apresentados nos dados da pesquisa.

Tabela 1 – Identificação das crianças participantes

Homem Aranha (6 anos, 9 meses) <i>Eu quero ser o Homem Aranha, porque gosto muito de desenho tia, tenho máscara do homem aranha e o Ícaro tem do Batman.</i>
Batman (3 anos) <i>Há, então quero ser Batman, titia, eu tenho uma máscara do Batman titia, senhora sabia?</i>
Homem de Ferro (6 anos e 9 meses) <i>Então quero ser o Homem de ferro, né titia que sou mais forte, eu sou de ferro, mais forte de que vocês.</i>
Rock (Raio Negro) (5 anos e 3 meses) <i>Poxa eu queria ser o Batman, o Ícaro já é então eu quero ser Rock, o Rock é muito forte, eu já assisto o filme dele, ele esmaga os carros.</i>
Flecha (7 anos e 8 meses) <i>O Flecha é rápido porque ele corre muito e pega vocês, vou correr muito.</i>
Thor (7 anos) <i>Vou ser o Thor.</i>
Capitão América (10 anos) <i>Eu sou o Capitão América.</i>
Vitória (6 anos) <i>Titia eu quero meu nome Vitória.</i>
Princesa Elza (9 anos) <i>Há, eu posso colocar um desenho que a princesa se parece comigo. Então eu quero a Elza, porque eu sou muito irritada, e a Sofia fica me enjoando.</i>
Kailane (4 anos e 8 meses) <i>Eu sou Kailane.</i>

Kaio (7 anos)
<i>Eu sou Kaio.</i>
C. L (11 anos)

Fonte: Diário de campo, 2021.

A escolha do nome fictício foi motivo de entusiasmo entre algumas crianças. Os super-heróis preferidos não demoraram a fazer parte da trama. Além da escolha dos nomes, as crianças trouxeram algumas das características ou questões que são marcantes em cada um dos personagens escolhidos, tais como: “a força capaz de esmagar carros”; “a velocidade que tornava seu super-herói o mais forte de todos”; “a possibilidade de ser de ferro assim como o personagem escolhido”; ou simplesmente “o mal humor de uma princesa extremamente destemida”. Também tiveram crianças que apenas desejavam ser chamadas pelos seus nomes próprios e reafirmavam isso pronunciando-os em alto e bom tom.

Perseguindo nosso compromisso de respeitar a voz das crianças, e ainda, a necessidade de preservar suas identidades, dadas as questões éticas nas pesquisas que envolvem seres humanos/crianças a partir das resoluções 466/2012 e a 510/2016, decidimos usar os nomes escolhidos por cada uma delas. Decidimos, ainda, respeitar a vontade das crianças que escolheram os seus nomes próprios, uma vez que compreendemos que o estudo não oferece nenhum tipo de risco ou de constrangimento para elas.

No decorrer da pesquisa, pautado nas rodas de conversa junto das crianças e com as observações no quilombo e na companhia delas, outras questões intermediaram nosso diálogo, tais como: Do que as crianças mais gostavam de brincar? Com quem compartilham os brincos? Quais os locais preferidos para brincarem? Quais brinquedos fazem parte desse universo? Abaixo, alguns dos relatos:

Homem Aranha - *Eu brinco de tudo, um monte de brincadeira bacana.*

Batman - *Eu também brinco de bola, correr, eu brinco de baladeira.*

Homem de Ferro - *Eu brinco de bola, de pipa, de pata cega, de pira se esconde, corrida de saco, corrida do ovo e robô.*

Rock - *Sim, eu brinco junto com Homem de Ferro de bola e de pular saco.*

Flecha - *Brinco de muita coisa de brinquedo, eu brinco de bola, eu brinco de brinquedo e de robô.*

Kailane - *Vixe nem sei falar, eu brinco muito, de tudo.*

Levando em conta tais narrativas, foi possível perceber que as crianças vivenciam um brincar livre, e nesse sentido falam de um cotidiano marcado pelas brincadeiras com bola, pipa, pequenos bonecos (robô), situam algumas variantes da pira e de brincadeiras que elas participam durante os jogos quilombolas praticados nas comunidades como, por exemplo, a corrida do ovo e a do saco. Outras crianças,

como Kailane, 6 anos, nem conseguem definir do que brincam, pois, de certa forma compreendem que o brincar atravessa sua existência como crianças quilombolas em um cotidiano repleto de brincadeiras: Vixe nem sei falar, eu brinco muito, de tudo (Kailane, 6a).

No quilombo do Itamoari, notamos que muitas dessas crianças ainda constroem seus próprios brinquedos tais como pipas, carrinhos de madeira e panelinhas de barro, este último mais presente no universo das brincadeiras das meninas. As crianças mostram habilidades no uso de pequenas facas, talas retiradas do bambu e sacolas plásticas, materiais que costumam utilizar para confecção de pequenas pipas. Alguns brinquedos, como as panelinhas feitas com o barro, carregam consigo ensinamentos ancestrais e que são passados de geração a geração.

Na escuta das crianças também foi possível perceber os lugares que elas ocupam e que são, portanto, cenários das brincadeiras desse cotidiano, tais como: os campos de futebol, as beiras e as águas nos igarapés, os quintais das casas, a escola, as áreas ocupadas com pés de açaizeiros e outras árvores. Em relação a esses fazeres das crianças, percebemos que algumas práticas como armar arapucas para pegar passarinhos, o uso e a confecção das baladeiras, subir nos açaizeiros e mangueiras, ajudar a família em pequenas tarefas diárias, como a limpeza dos quintais, são atividades que se relacionam, se conectam ao brincar. As narrativas que seguem foram surgindo conforme íamos interagindo com as crianças e, também, conforme fomos olhando o cotidiano. Ao serem questionadas sobre o que mais gostam de brincar no quilombo Itamoari, elas responderam:

Homem Aranha - *Gosto de brincar, comer caju, apanhar açai, outras brincadeiras bacanas.*

Homem Aranha - *Gosto de brincar no quintal, aqui no campo, na escola, no rio. Já sei subir no açaizeiro, tiro um cacho grande e dou para o Batman.*

Capitão América - *Brinco de muitas brincadeiras, de balar passarinho, bola, de correr, pira-esconde, pata-cega, queimada, pula de saco, de taco, tem muitas.*

Homem de Ferro - *É brincar de um monte de coisa, brincadeira pra mim é toda essa é brincadeira.*

Como mencionamos, esses fazeres e saberes são construídos e experienciados pelas crianças na companhia de primos e primas, irmãs e irmãos, ou seja, esse grupo específico de crianças é composto, em sua maioria, por membros de uma mesma família. Também é comum que as crianças brinquem e se organizem sem o binarismo (meninas/meninos) e sem disputas entre elas.

Como exemplo, podemos citar um episódio que foi registrado durante as observações em campo, mais especificamente, durante os brincares no espaço do campo de futebol: vimos que, enquanto os adultos se preparavam para iniciar a partida, meninas e meninos, ocupavam um lado apenas do campo e brincavam de fazer gol. Nesse contexto, tanto a criança escolhida para ficar no gol, quanto as artilheiras

brincavam à vontade sem regras específicas ou disputas, prática que demonstra a interrelação entre elas, mostrando-se solidárias umas com as outras. O goleiro, por exemplo, entre um lançamento e outro da bola, costumava cair subitamente para que outras crianças pudessem fazer o tão esperado gol, pois o mais importante era brincar de bola, brincar de brincar, *é brincar mesmo*, como afirma Kailane.

No quilombo de Bairro Alto, as experiências vividas e compartilhadas pelas crianças no campo de futebol, também dizem muito da cultura da infância quilombola nessa comunidade. O episódio vivido pelo grupo e que trouxemos para compor o texto, foi um dos primeiros observados por nós.

Era um final de tarde, o campo estava repleto de crianças e adolescentes entre 06 (seis) e 15 (quinze) anos de idade, que tentavam se organizar para formar dois times. Estavam no local 09 meninas e 01 menino, que teria sido convidado, na ocasião, para completar um dos times. Geralmente os times são compostos por meninas e os meninos só participam na falta de uma delas. Ao redor do campo sempre ficam outros/as adolescentes, crianças menores, vizinhos/as que moram nas proximidades, e por vezes, os cães que vêm acompanhando as crianças até o campo e acabam ficando por lá até o final da brincadeira. Ao encerrar as partidas, as crianças comemoram do jeito delas. *Me sinto muito feliz, pois gosto de me reunir quase todas as tardes e brincar. No final do nosso jogo, fazemos coletas de 0,50 centavos compramos refrigerante, bolacha e tomamos todos juntos, não importa quem ganhe ou perca o jogo* (C. L., 11 anos).

Nesse interim, as crianças constroem suas próprias regras como: não chamar palavrões e nem machucar os/as adversários/as durante o jogo, pois o que importa mesmo é estar juntas, interagindo umas com as outras. Assim, elas conseguem brincar sem a preocupação de estar competindo, somente pela alegria e diversão de reunir-se para o encontro de todas as tardes.

Outra questão que procuramos saber junto às crianças dizia respeito às brincadeiras que elas aprenderam com seus familiares ou com outras pessoas no quilombo. Nossa intenção, nesse caso, foi a de compreender um pouco mais sobre as relações entre crianças e adultos, e ainda, como essas relações se dão quando o assunto é brincar.

Homem Aranha - *Lembro de meu avô ensinar chutar bola, andar de bicicleta, fazer arapuça, baladeira, fazer avião de papel.*

Homem de Ferro - *Aprendi com os meus primos grandes, bola, taco, pira se esconde, que gente se esconde para o colega ir procurar.*

Rock - *Já me ensinaram brincar com a bola. Quando eu era bebê eu jogava e me davam bola, ensinava jogar bola, de pata cega, pira se esconde, da melancia, de boneco.*

Thor - *Me ensinaram todas que eu brinco, robô e outras.*

Como vimos, com base nas narrativas, as relações ocorrem entre crianças e pessoas adultas que se ocupam com o brincar, seja orientando as crianças ou,

simplesmente, compartilhando com elas suas memórias da infância, seus saberes, as brincadeiras de outrora.

Para Brougère (2010), a brincadeira é, antes de qualquer coisa, um momento singular no qual as crianças se deparam e se relacionam com elementos culturais, ou seja, com elementos da cultura na qual estão inseridas. Assim, de posse desse universo de possibilidades, de um brincar impregnado de cultura, as crianças se apropriam dos saberes culturais, de acordo com seus interesses, pelo prazer que as brincadeiras lhe proporcionam e, em uma dinâmica particular, as crianças se relacionam com a cultura, (re)produzem e transformam, por meio de apropriação e significação próprias do olhar infantil.

No aspecto da criação, existe por parte das crianças algumas brincadeiras que são inventadas por elas, como por exemplo a brincadeira do jacaré, conforme nos explicou a princesa Elza, 9 anos: *Às vezes nós ficamos indo pra traz da pedra e aí ficamos vigiando um outro colega que vira o jacaré. O jacaré não pode pisar no nosso trono que é a pedra.*

Ainda, sobre as brincadeiras de autoria das crianças no quilombo do Bairro Alto, um exemplo é a variação da pira, chamada pelas crianças de mãe-pira-ajuda. A brincadeira acontece entre um número bem expressivo de crianças, só as maiores costumam participar, as que estão na faixa etária de 10 a 12 anos de idade e alguns adolescentes que se reúnem geralmente nos quintais das propriedades ou nas ruas da comunidade. Dão início à brincadeira correndo uma atrás das outras, valendo-se da velocidade, da habilidade de movimentos com o corpo e da agilidade a ponto de não ser pego pelas outras crianças. Para além disso, o riso, a euforia, o prazer de estarem juntas ecoam pelas tardes do/no quilombo.

O certo é que os quintais das propriedades, cheios de árvores frutíferas, bancos de madeira, balanços, formam cenários valiosos de interação entre as crianças, adolescentes e adultos no quilombo. Nesses lugares, as famílias se reúnem, contam histórias e as crianças brincam. Os quintais são portas de entrada das casas, por onde recebem visitas e debaixo das árvores conversam por longas horas. Dessa forma, vagarosamente, aprendem da herança deixada por seus ancestrais. Para Brandão (2015, p. 121), as crianças como sujeitos de interação e de conhecimento participam ativamente “[...] de círculos interligados de vida cotidiana, uns criados e propostos-impostos pelos adultos; outros, objeto perene de criações; outros, ainda, resultantes de diálogos e de negociações entre adultos e crianças”.

Destarte, em ambas as comunidades, podemos dizer que existe uma participação concreta das crianças em um cotidiano repleto de aprendizados, de experimentações, de trocas que se entremeiam na cultura quilombola. São partilhas de saberes e convívios a partir dessa cultura. Isso se refletiu nas experiências e saberes como a de fazer uma baladeira, de apanhar açaí, de fazer uma arapuça, de escolher os melhores caroços de tucumã para fazer bolinhas de gude, de fazer panelinhas de barro

ou ainda varrer os quintais, atividade que muitas vezes reúne boa parte das famílias e as crianças estão ávidas nesse meio e cotidiano.

Assim, os espaços naturais e sociais como o rio ou o quintal combinam com as crianças e neles, quase tudo pode se tornar brinquedo ou uma brincadeira. Galhos, folhas, flores, cascas de frutas, árvores, lama, bola, pedras, pedaços de pau, cachos do açaizeiro, talas, caroços, poças d'água e tantos outros, como se nada pudesse parar a potência criativa de uma criança. No dia a dia das comunidades, por entre as matas e os diversos caminhos dentro da mata, servem de abrigo às ideias, peraltices e produções lúdicas.

O quintal e o ramal, o rio ou o caminho, são palcos do brincar-aprender com a natureza do lugar, onde os 'mundos' infantis são experienciados. Logo, tais espaços se configuram canais representativos do mundo amazônico na ilharga das residências e de fácil acesso. Durante nosso tempo em campo, foi possível observar que se dedica tempo interagindo, os familiares, a vizinhança, as crianças de um mesmo entorno, talvez por conta desse modo de vida mais comunitário e de vida mais ligada à natureza.

Como síntese, ousamos dizer que o brincar humaniza, na medida em que a criança estabelece contato com o mundo físico e social, na medida em que as crianças experimentam diferentes papéis, pensam sobre o mundo, sentem e aprendem das gramáticas sociais da vida (BRANDÃO, 2015). Elas, ao brincarem, criam mecanismos para agir diante da realidade, elas se colocam em movência da alteridade e, com ela, a compreensão do que cada um tem a dizer sobre si mesmo – criança e adultos, e, também, do mundo no qual estão e vivem, de modo contextualizado e historicamente construído.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES, MAS NÃO AS FINAIS

A escuta das crianças nos permitiu conhecer as comunidades quilombolas do Itamoari e do Bairro Alto a partir do olhar infantil, das suas expectativas em relação ao que seja ser criança e viver suas infâncias nessas comunidades, somado às impressões do vivido, sentido e escutado. Ao nos depararmos com as narrativas a respeito das suas experiências e vivências que são atravessadas e constituídas prioritariamente pela brincadeira, adentramos, com suas licenças, em um “mundo à parte”, revelador das culturas da infância quilombola.

Desse modo, a escuta e as observações, as narrativas das adultas quilombolas/pesquisadoras e nossa própria visitação às memórias da infância nos possibilitou um exercício importante na forma de atuação na pesquisa com as crianças, nos instigando a entrar no seu contexto, em sua cultura e, assim, minimamente, participar aprendendo com tais sujeitos. Nos ensaiamos estar e nos relacionarmos com elas, com os Outros e com aqueles mundos do quilombo.

Ao nos comprometermos com os processos infantis vividos pelas crianças dos quilombos, tomamos para nós, pesquisadoras das infâncias na Amazônia paraense, o desafio de trazer, de evidenciar no texto as minúcias, as singularidades, as piscadelas, os fazeres, os saberes, o protagonismo, as narrativas, as brincadeiras e as autorias das crianças, reconhecendo-as como sujeitos de direitos, atuantes.

A partir desse viés, procuramos acolher, conhecer o universo brincante, interativo e singular de cada criança pelas escutas e formas de estar com elas, de estabelecer uma relação de respeito e de afeto com o que elas tinham a dizer das suas brincadeiras e do cotidiano experienciado por elas nessas comunidades.

Outrossim, tomamos a brincadeira como linguagem tecida pelas crianças que nos comunicaram as entrelinhas de um cotidiano no qual elas exercitam o ócio, dedicando tempo embaixo das árvores nos quintais de suas comunidades, quando aprendem, pelas histórias lendárias contadas pelos mais velhos, a respeito de sua ancestralidade e da organização do quilombo. Ou ainda, quando participam de uma rotina que contempla os banhos de rio ou de chuva, entre pares da vizinhança.

Muitas delas, vivenciam o direito de se sujar, de andar com os pés descalços e de brincar com areia, com folhas, com gramas, com gravetos, com caroços de tucumã, com cachos de açaí, com pedras, com barro. Têm o direito de sentir o gosto das frutas que podem ser retiradas das árvores e comê-las ali mesmo, sempre na companhia de outras crianças. Têm o direito de sentir o cheiro da mata, dos rios e aprender a reconhecer os perfumes que são oferecidos pela natureza.

Experimentam o direito ao manuseio de coisas e objetos e, com as mãos, passam a cortar os gravetos para fazer seus brinquedos, a limpar os caroços de tucumã e fazer destes, bolinhas de gude; a fazer suas panelinhas de barro e carrinhos de lata. Ou ainda, escolher os melhores galhos que são utilizados para produzir baladeiras ou as pequenas arapucas que são colocadas nas matas.

Praticam o direito de caminhar livremente, em segurança, na rua ou nos caminhos, nas pontes ou ramais que cortam suas comunidades. Compartilham o direito ao amazônico e ancestral, pois com adultos colocam-se a construir casinhas de graveto, a inventar brincadeiras nas matas, a pendurar balanços nas árvores, a subir nas árvores ou deitar-se sob as gramas. Vivem, ainda, o direito ao silêncio, a ouvir os pássaros, o canto que entoa o vento e a água do rio. Vivem o direito às nuances: apreciar o nascer e o pôr do sol, brincar pela noite e admirar a lua e as estrelas.

As crianças das comunidades quilombolas do Itamoari e do Bairro Alto estão em marcha pelo direito a um bom início: de uma alimentação sem agrotóxicos e a prática das hortas e de outros cultivos da sua terra; a tomar água limpa que vem dos poços e a respirar o ar puro do quilombo. E por fim, estão em marcha pelo direito ao diálogo e à escuta: a ouvir e poder dizer a sua palavra. Usufruir de todos os seus direitos legais e ainda aqueles que dialogam com um mundo mais sensível e comprometido com as infâncias, como aqueles assegurados pelo Manifesto dos

Direitos Naturais da Crianças (ZAVALLONI, 2012) é o que, por ora, nos inspira a pensar esses direitos a partir das vivências concretas desses sujeitos, em seus modos de ser criança e de viver a infância quilombola.

Se realmente tivermos o interesse em aprender com as crianças, a escuta precisa ser um exercício diário, bem como aprender a observá-las em seus diferentes contextos, em suas situações de vida, com suas formas de estar na vida. Precisamos aprender a registrar suas narrativas, seus pensamentos, procurando ser éticas/os com essa escrita, fazendo ecoar as vozes das crianças, valorizando assim, suas falas, os sentidos que atribuem a cada ser com o qual interagem e se relacionam no mundo.

TOUTONGE, E. C. P.; TEMBÉ, L. O. S.; SOUSA, N. G. Children and childhood in quilombo territories in the paraense Amazon. *Marília*, v. 24, n. 01, p. 51-68, 2023.

Abstract: The study seeks to give visibility to the voices, the games, the imagination, the circularity, the children's productions of two groups of quilombola children who live in the Pará Amazon. To this end, the study relied on ethnographic resources aimed at focusing on children's social practice, in which culture-nature mediation sediment educational and resistance processes. Thus, interacting with the children, we entered their universes and saw how much these communities, Itamoari and Bairro Alto, are also children's territories revealing Quilombola childhood cultures through rhythms, movements and their own doings. Furthermore, it was possible to perceive that the children of these contexts have a concrete connection with nature that encompasses the spaces of the earth, the waters, the forest, that is, there is rich learning of cultural contents existing in the place through their games and other activities. experiences and, at the same time, their values of living together, their traditions, customs and Amazonian ancestry become educational processes in the ordinary of life through the central dimension, of being a child-subject, a remnant of quilombos.

Keywords: Children. childhoods. Quilombola Territories.

REFERÊNCIAS

- ARENHART, Deise. **Culturas Infantis e desigualdades Sociais**. Petrópolis: Vozes, 2016.
- BARROS, Manoel de. **Escova**. In: Memórias inventadas: a infância. São Paulo: Planeta, 2003.
- BUENO, Michele Escoura. **Girando entre Princesas: performance e contorno de gêneros em uma etnografia com crianças**. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-08012013-124856/pt-br.php>. Acesso em: 02 maio 2022.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Olhar o mundo e ver a criança: Ideias e imagens sobre ciclos de vida e círculo de cultura. **Crítica educativa** (Sorocaba/SP), Vol.1, n.1, jan./jun. 2015. p.108-132.
- BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 24 maio 2016. Disponível em: <http://bit.ly/2fmmKeD>. Acesso em: 20 jun. 2021.

BRASIL. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. Dispõe sobre diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13 jun. 2013. Disponível em: <http://bit.ly/1mTMIS3> > Acesso em: 10 jan. 2021.

BRASIL. **Orientações Curriculares para a Educação Infantil do Campo**, de 04 de novembro de 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/>. Acesso em 15 de março de 2011.

COHN, Clarice. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FRIEDMANN, Adriana. **A vez e a voz das crianças**: escutas antropológicas e poéticas das infâncias. São Paulo: Panda Books, 2020.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Olhar Viajante: Antropologia, Criança e Aprendizagem. **Revista Pro-Posições**. Campinas, v. 23, n. 2 (68), p. 161-178, maio/ago, 2012.

KRAMER, Sônia. Autoria e autorização: questões éticas da pesquisa com crianças. **Caderno de Pesquisa**: São Paulo, n.116, p.41-59, jul. 2002.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. O trabalho do antropólogo. **Revista de antropologia**. São Paulo: USP, v. 39 n. 1. p. 13-37, 1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br>. Acesso em: 29 jan. 2022.

PEREIRA, Eugenio Tadeu. **Brincar e criança**. In: CARVALHO, Alysson. (org.). Brincar(es). Belo Horizonte: Editora UFMG, 2019.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da sociologia da Infância. **Educação & Sociedade**. (Dossiê Temático Sociologia da Infância: Pesquisas com crianças). CEDES – Brasil, vol. 26, nº 91: 361 – 378.

ZAVALLONI, Gianfranco. **A pedagogia do caracol**: Por uma escola lenta e não violenta. Americana, SP: Adonis, 2012.

Submetido em: 30/06/22

Aceito em: 16/11/22

Publicado em: